

apresentação

O que é a cartilha?

Esta é a cartilha “Cartografando o Morro da Caixa”, resultado de um trabalho coletivo e feito a muitas mãos. Tem como objetivo produzir uma Cartografia Social do Morro da Caixa, por meio de método participativo e comunitário. Pretende oferecer uma forma coletiva de reconhecimento do território, sua trajetória, forças, fragilidades e potencialidades. Para além de elaborar um mapa da comunidade, esta cartilha pretende colaborar para o autorreconhecimento e a consolidação de redes de apoio, de atuação e de fortalecimento coletivo e individual por meio da manifestação do que, no Morro da Caixa, é representativo a partir do olhar e da vivência dos próprios moradores.

De onde surgiu a ideia?

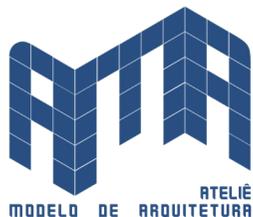
A ideia surgiu da interlocução entre moradores do Morro da Caixa e a Universidade Federal de Santa Catarina. A partir disso foi desenvolvido um projeto de extensão na UFSC e a elaboração de uma proposta que foi submetida e contemplada pelo Edital de Chamada Pública nº 001/2021 do CAU/SC.

Acesse o QR code e conheça mais sobre a plataforma ComunitÁreas e o desenvolvimento do projeto.



cartografando

o morro da caixa



ComunitÁreas

Esta parceria é a continuidade da "ComunitÁreas", plataforma digital, colaborativa e georreferenciada, que busca localizar e caracterizar as comunidades e grupos sociais em situação de vulnerabilidade socioambiental nos municípios de Florianópolis, São José, Palhoça e Biguaçu. Tem a intenção de territorializar estes grupos e comunidades, bem como disponibilizar dados, caracterizar suas demandas, conflitos, precariedades, e possibilitar a troca de informações e iniciativas.

Quem elaborou?

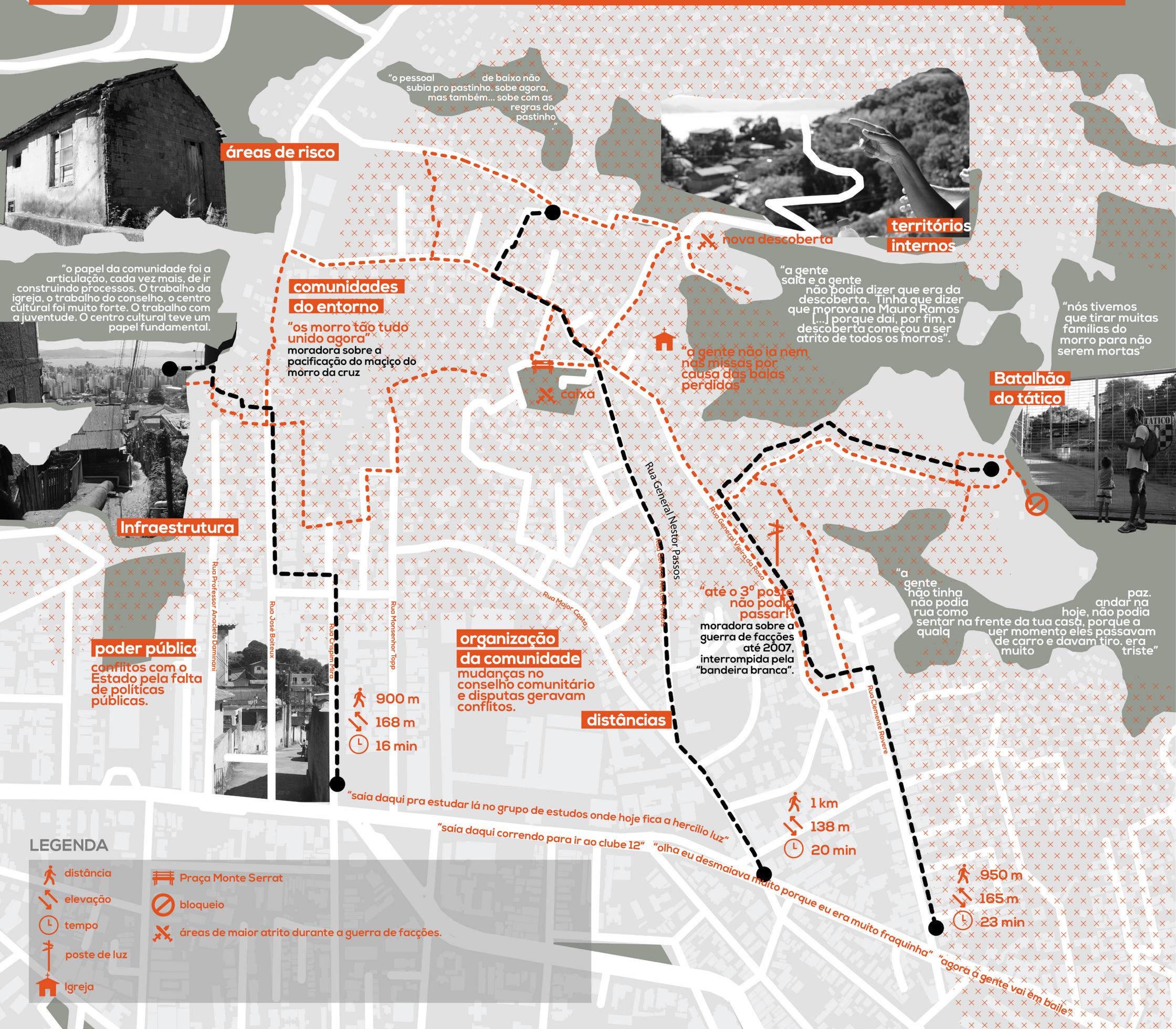
É um projeto que contou com a participação de muita gente. De um lado a própria comunidade, que a partir de caminhadas guiadas e história oral forneceu um conjunto muito representativo de informações. Do lado da UFSC, o projeto resulta da parceria do Ateliê Modelo de Arquitetura - AMA, Programa de Educação Tutorial - PETARQ da UFSC e da Associação Cultural Cachola de Bernunça. O CAU/SC é o patrocinador.

orando caixa

conflitos

con.fli.to

1 Encontro de coisas que se opõem ou divergem. 2 Falta de entendimento ou oposição violenta entre duas ou mais partes. 3 Encontro violento entre dois ou mais corpos; choque, colisão. 4 Discussão veemente ou acalorada; alteração.



resistências

re.sis.tên.cias

1. Ato ou efeito de resistir. 2. Não aceitação da opressão. 3. Defesa contra o ataque 4. Qualidade do que é firme, resistente ou durável, solidez.

"Pastinho vai ser a transformação da comunidade, pode tá certo disso! [...] um povo muito independente."

Moradores da José Boiteux se organizaram por determinado tempo. "Tinha uma diretoria assim, que a gente mesmo escolheu a presidente."

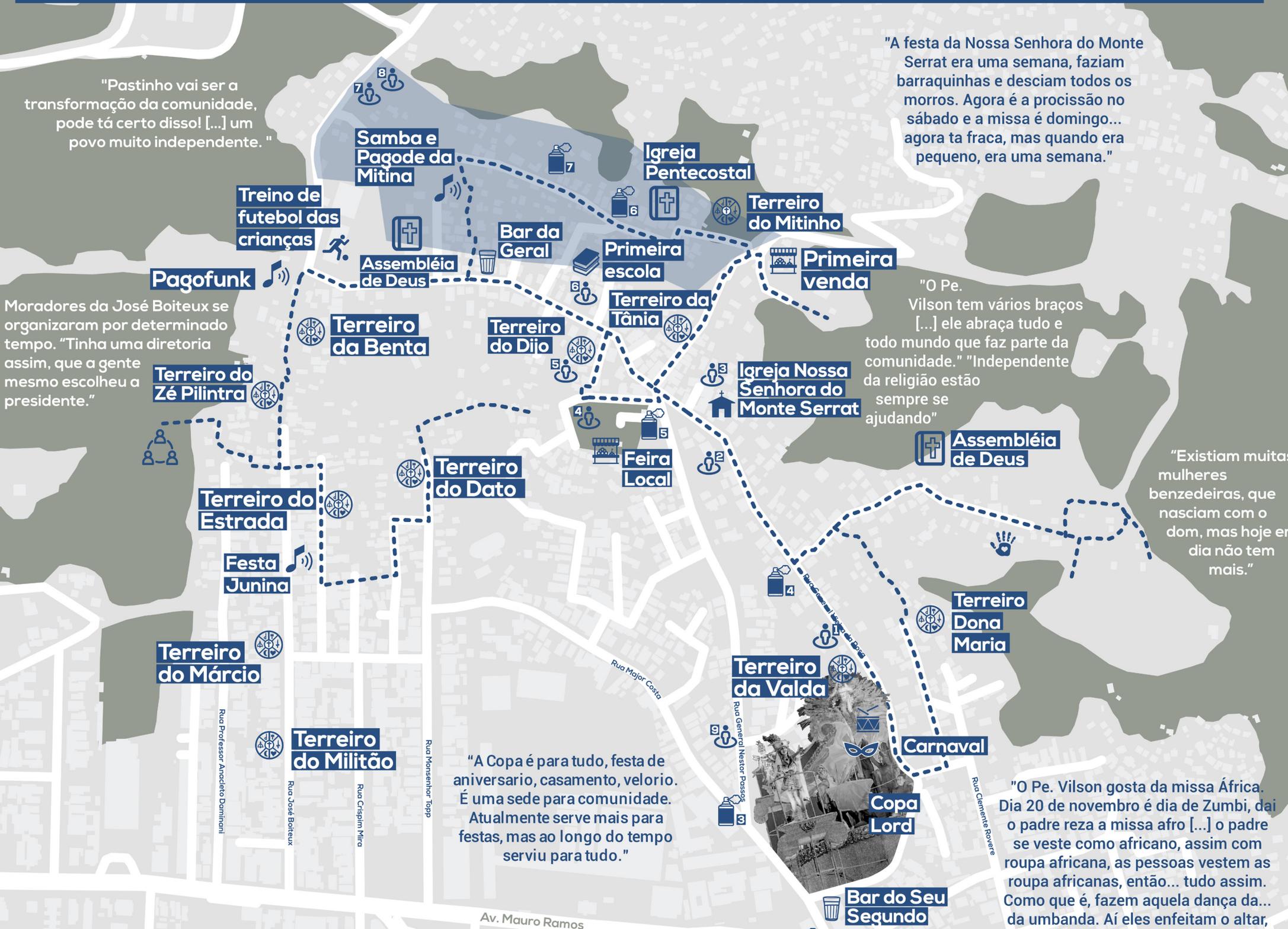
"A festa da Nossa Senhora do Monte Serrat era uma semana, faziam barraquinhas e desciam todos os morros. Agora é a procissão no sábado e a missa é domingo... agora ta fraca, mas quando era pequeno, era uma semana."

"O Pe. Wilson tem vários braços [...] ele abraça tudo e todo mundo que faz parte da comunidade." "Independente da religião estão sempre se ajudando"

"Existiam muitas mulheres benzedoras, que nasciam com o dom, mas hoje em dia não tem mais."

"A Copa é para tudo, festa de aniversário, casamento, velório. É uma sede para comunidade. Atualmente serve mais para festas, mas ao longo do tempo serviu para tudo."

"O Pe. Wilson gosta da missa África. Dia 20 de novembro é dia de Zumbi, daí o padre reza a missa afro [...] o padre se veste como africano, assim com roupa africana, as pessoas vestem as roupas africanas, então... tudo assim. Como que é, fazem aquela dança da... da umbanda. Aí eles enfeitam o altar, botam alecrim, botam tudo."



LEGENDA

- Cobertura Vegetal
- Território do Pastinho
- Ritmos
- Igrejas Evangélicas
- Igrejas Católicas
- Diretoria/Liderança
- Terreiros
- Copas
- Bares
- Escola
- Feira ou Venda
- Copa Lord
- Artes de Rua
- Saber Local
- Personalidades de Destaque
- Carnaval

Artes de Rua: 1- Grafite do Pd. Wilson; 2- Pintura em frente ao bar que celebra o Carnaval; 3- Grafite da Dona Uda; 4- Grafite de Boas Vindas da Nova Descoberta; 5- Grafite do Seu Teco; 6- Grafites de Demarcação do Pastinho e de Consciência Negra; 7- Grafite do Djavan;

Saber Local: sabão feito em casa; doce de mamão verde; banana recheada, sonho e pastel da falecida Abigail; morcilha; vender banha; café no pilão.

Personalidades de Destaque: 1- Dona Uda. 2- Nego Quiridu. 3- Pe. Wilson Groh. 4- Seu Geraldino. 5- Dijo. 6- Seu Teco. 7- Lagartixa. 8 - Zeferino Cardoso. 9 - Dona Mariazinha.

conquistas

con.quis.ta

1. O que se obtém à força de muito trabalho. 2. Obtenção de algo por meio de luta, dedicação ou esforço. 3. Aquisição de melhorias (educacionais, políticas, trabalhistas, nas condições de vida, etc.).



trajetória do morro

1808 - Transferência da corte brasileira (família real) ao Brasil;
1822 - Proclamação da independência - início do primeiro reinado (D. Pedro I);
1831 - Fim do primeiro reinado (D. Pedro I) e início do segundo reinado (D. Pedro II);

proibição do tráfico negreiro

1831 - Através da Lei Feijó;
1851 - Através da Lei Euzébio de Queiroz;
1865 - Início da guerra do Paraguai;
1871 - Lei do ventre livre;
1872 - Primeiro censo brasileiro;
1888 - Abolição do regime escravista no Brasil;
1889 - Fim do Império e início da República da Espada;

séc XIX



inauguração RO

Praça Mont Serrat

mural em homenagem a um antigo morador

casas e cortiços do Campo do Manejo

moradias no início do Morro da Caixa

canal da Fonte Grande

1851

Registros de ocupação do Morro da Caixa por escravos libertos ou "fugidos".

1810

As terras no Morro do Antão (atual Morro da Caixa ou Monte Serrat) são registradas como propriedade de Antão Lourenço Rebolo.

A Estrada do Antão era o caminho que ligava o centro fundacional de Florianópolis à Freguesia da Santíssima Trindade, também conhecida como "Trás do Morro".

1876

Planta topográfica da cidade de Desterro indica casas no alto da Rua Nestor Passos no entroncamento com a Rua Vieira Rosa perto da Caixa d'água.

Revolta da Vacina: revolta popular ligada à imposição da vacinação contra a varíola, estopim da indignação que se acumulava frente ao projeto higienista no Rio de Janeiro.

1904

Grandes greves operárias em São Paulo, Rio de Janeiro, Recife e Bahia.

1901

1903 - 1906

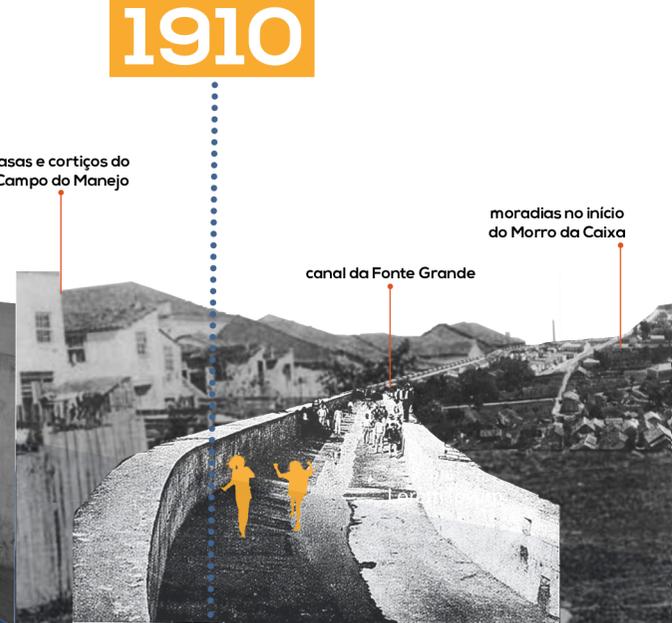
"Bota-abaixo" de Pereira Passos no Rio de Janeiro: Reforma urbana para o "embelezamento e saneamento da cidade" e expulsão da população pobre da área central. Modelo reproduzido em várias cidades do país, inclusive em Florianópolis com a "Avenida do Saneamento".

Durante o início do Século XIX ocorre a primeira fase de ocupação do Monte Serrat.

André Luiz Santos (2009) escreve: "[...] A primeira foi a da lenta ocupação durante o século XIX, por escravos fugidos e libertos e soldados pobres que procuraram as imediações do caminho que atravessava o Morro como local de refúgio. Viviam em pequenas choupanas de estuque e ranchos de madeira, ao redor dos quais plantavam pequenas roças".

Construção da caixa d'água - Chamada de Reservatório 0 (R-0), é a primeira obra estrutural para o abastecimento da área central de Florianópolis. Muitas pessoas que trabalharam na construção se estabeleceram no então Morro do Antão. A comunidade, no entanto, permanecia sem a água encanada fornecida pelo sistema, o que aconteceria somente 70 anos depois.

1910



1918

Abertura da Rua Professor Mario Nappi e da ligação entre a Servidão do Quebra Pote e a Nova Descoberta, possibilitando o início da ocupação da última.

Segunda fase de ocupação do Monte Serrat decorrente das grandes mudanças sanitárias que expulsam a camada empobrecida da população do centro da cidade.

1920-1950

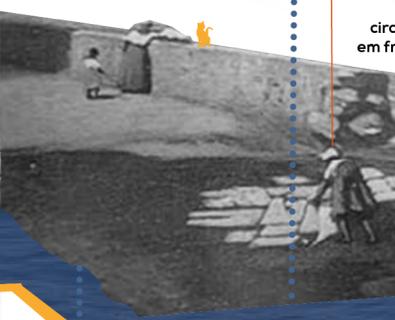
Construção da Avenida do Saneamento (atual Av. Hercílio Luz) e canalização do Rio da Bulha. A obra foi um marco de expansão do centro fundacional e ocorreu às custas da expulsão das camadas empobrecidas da população, que, a partir daí, ocupam os morros do entorno. Tal ação marca o surgimento de algumas das comunidades que se instalam no Maciço do Morro da Cruz.

1920

Lavadeiras, início do século XX. Mulheres com trouxas e roupa secando em cercas



Filha de lavadeira relembrando pedra das Lavadeiras



Lavadeiras quarando roupas no Cais do Menino Deus

circo no Campo do Manejo em frente à Nova Descoberta

1927

A imagem da Nossa Senhora do Monte Serrat chega a cidade e é levada em procissão até o morro. No mesmo ano, acontece a construção por mutirão da Capela da Nossa Senhora do Monte Serrat.

Lei 595 (Heitor Blum) permite construções em madeira nos morros.

De acordo com André Luiz dos Santos (2009): "Mesmo assim, o texto da lei demonstra que Blum ainda tentava dar continuidade aos processos de 'embelezamento e de modernidade' que não incluíam os pobres e a paisagem da cidade que construíam [...]: 'Art. 1ª - Ficam permitidas as construções de casas de madeira [...] em terrenos fóra da zona central da cidade, [...] de forma que as referidas edificações não sejam visíveis das ruas ou praças já existentes'."

1950

cortiços entre a Fonte Grande e o Campo do Manejo, ao fundo os morros ainda desocupados

Avenida do Saneamento

Hospital de Caridade

Terceira fase de ocupação do Morro decorrente da migração de famílias de Antônio Carlos e Biguaçu que trabalhavam nas construtoras INARC, Berreta, Gonzaga.

1943

André Luís dos Santos (2009) cita Wilmar Dias: " [...] essas favelas, na sua maior parte, ocupadas pelo elemento negro que, dadas as condições de extremo pauperismo em que vive, não mais pode manter-se na área peninsular super-valorizada da cidade'. [...] As novas áreas [de expansão] fora do perímetro urbano [...] formaram os Morros: da Nova Descoberta; Abissínia; Baco-Baco (no continente) e Inferninho (próximo a Caixa D'Água)."

1920 - 1930

Políticas imigratórias europeias e o projeto de branqueamento populacional pelo Estado brasileiro.

Segundo o pesquisador André Luiz dos Santos (2009):

"O processo havia iniciado durante a segunda metade do século XIX, com a tomada de parte da área central pelo comércio e a classe burguesa, [esse processo] foi acentuado com as políticas de "modernização", renovação urbana e as políticas sanitárias, culminando nas demolições das casas e cortiços em que os mais pobres viviam, primeiro do centro e depois ao longo da Fonte Grande, provocando a expulsão dos pobres para os morros".

1938 - 1942

Estado Novo: Política de nacionalização do carnaval por parte de Vargas e preocupação com a incorporação do modernismo como parte da identidade nacional

1952 Instalação das linhas de energia - 51 anos após a instalação no centro da cidade.

1954 Padre Agostinho chega a comunidade.

1955 Fundação da Sociedade Recreativa Cultural e Samba Embaixada Copa Lorde, que teve sua sede construída por meio da mobilização comunitária tanto para a compra do terreno, quanto para a construção da edificação que abriga a Escola, através de mutirões.

1968 Padre Agostinho é transferido do morro da caixa pela ditadura militar.

"Aquele época os moradores aqui não tinham água nem luz. então, a gente usava pra tudo a vertente daqui que vinha lá de cima. [...] daí eu fui na CASAN, eu e outra senhora que morava aí, [...] o diretor da CASAN [...] disse que a água lá não sobe, porque é muito alto, e ela respondeu que ela pode não subir, mas ela vai descer ou então ir de lado. [...] Consegui água, consegui luz. [...]" Dona Nica

O conselho comunitário, gerido pelos comandos sociais até 1979, passam por uma virada progressista.

Água encanada chega ao Monte Serrat.

Padre Vilson Groh chega a comunidade.

Acaloramento de debates políticos na comunidade. Comunidade organiza-se em mutirões de autoconstrução para dar infraestrutura ao bairro.

Presença da associação de moradores, que estava ligada aos Conselhos de Entidades de Base.

Calçamento da Rua General Vieira da Rosa por mutirão.

Passaram a acontecer feiras de verduras e peixes dentro do bairro.

Primeiro período de mutirões de habitação (em madeira), com a construção de 120 moradias.

Construção da Igreja Nossa Senhora do Monte Serrat por regime de mutirão.

1980



1993

É inaugurada a linha de ônibus do Monte Serrat. Centro Cultural Escava Anastácia foi construído por Mutirão nos fundos da Igreja atual. O nome foi escolhido pela comissão da Igreja que tem na imagem da escrava uma referência.

2009-2013

Segundo período de construção de habitação (casas pré-moldadas), durante o primeiro governo Lula. Pacto federativo: instância Federal, Estadual e Municipal trabalham em conjunto.

2011

Movimentos de conscientização negra: Djavan Nascimento convidou artistas locais para a pintura do mural do pastinho com imagens em homenagem a Zumbi dos Palmares, Nelson Mandela e Angela Davis; O projeto infantil "é da nossa cor" surgiu com o objetivo de trabalhar a identidade, autoestima e protagonismo das crianças através da história e cultura afro-brasileira.

" - Eu morava dentro de um buraco, hoje tenho uma casa abençoada por Deus. Fica bem onde eles fazem o retorno do carro. Que eu fui indenizada e dei metade do meu terreno para eles fazerem o retorno, porque quando eu morrer não vou levar nada. Aquilo ali era do meu avô, daí eu herdei [...] aquele pedacinho... pedacinho não né, pedaço!" Dona Nina.

Pavimentação da Rua do Buster ou Nova Descoberta, no Alto da Caeira. Além da pavimentação, a rua ganhou rede de esgoto, drenagem, escadarias e muro de contenção.

[...] Quando chovia tínhamos muitos problemas com as pedras que rolavam, tinham soterramentos. Agora, com a construção e todos esses muros de arrimo, toda a questão do saneamento, tá tudo embaixo da terra né e olhando do ponto de vista da eleição isso não dá voto. [...] Outra questão muito importante do PAC foi a gente ter preservado aquela área lá em cima onde foi construído o parque. (Padre Vilson Groh, entrevista em 2020)



2013

"A primeira rua com lajota também foi construída por mutirão. O pessoal colocava a areia e a lajota ali para eles passar." "A prefeitura não ajudava, só olhava lá para baixo não olhava para cá." Dona Roseli.

"A intenção é que a praça seja um vetor que favoreça o desenvolvimento do turismo, geração de trabalho e renda e ao mesmo tempo, trabalhar a perspectiva ambiental junto desse processo. E reinventar formas de trabalho frente o processo do desemprego" (Padre Vilson Groh, entrevista em 16.03.2020).

O terreno da Caixa d'Água (R-0) é transformado em área de lazer. Cedido pela CASAN à prefeitura, posteriormente foi adotado pelo Instituto Pe. Vilson Groh (IVG) através do projeto "Adote uma Praça" (decreto 244/1997 Florianópolis).

1960 Crescimento imobiliário em Florianópolis: fortalecimento da construção civil no município, com a dinâmica de verticalização, expansão urbana e interesse turístico. Muito deste crescimento foi realizado pela força dos trabalhadores que viviam nas comunidades do MMC.

Aterro da Beira Mar Norte.

1964 Golpe Civil Militar e instalação da Ditadura Civil Militar, seguida pela criação do BNH (Banco Nacional de Habitação). O BNH era a principal política habitacional do regime e serviu em suma as classes médias. A população pobre continuou à margem das políticas públicas e as desigualdades sócio-espaciais explodiram na cidade.

1972 Aterro Baía Sul.

1989 Primeiras eleições democráticas pós-ditadura.

2001 Criação do Estatuto da Cidade.

2011 Debate sobre patrimônio imaterial e democratização do patrimônio - a cultura afrodescendente pode ser mais reconhecida enquanto cultura brasileira.

O Monte Serrat tem uma história e ao mesmo tempo uma organização que expressa uma profunda autoestima de ser, de viver, de pele e de cor, que rompe com o processo do racismo. Acho que numa cidade e num país onde o racismo se expressa tão fortemente, mexer com as estruturas do mundo do trabalho é fundamental, mexer com as estruturas do conhecimento é fundamental, mexer com as estruturas da cultura popular é fundamental. [...] E nesse processo todo, no meu entendimento, a praça pode ser um importante espaço para essa população negra que habita nesse morro, romper com o processo de invisibilidade fundamentalmente. [Padre Vilson Groh, em entrevista em 2020]

2019

Inauguração da Praça Monte Serrat. Conta com cerca de 7mil m², vista panorâmica da cidade e equipamentos como academia, parquinho, jardins e área para caminhadas.

personagens

djavan

Djavan é responsável por muitos dos grafites realizados em muros da comunidade, principalmente no Pastinho. Seus desenhos são marcados por homenagear figuras da luta antirracista: de zumbi dos palmares à Angela Davis. O artista também é uma figura representativa da capoeira na comunidade.

dijo

Morador do Pastinho, Dijo era um importante pai de santo da comunidade. Roseli e Nina comentam que seu velório foi um evento marcante acompanhado por muitas pessoas. Ele é lembrado por Dona Tota por se vestir como Pomba Gira nos carnavais. Posteriormente, seu terreiro se tornou o Terreiro da Tânia, que se mudou da comunidade mais tarde.

dona uda

É uma figura de relevância na comunidade. Foi uma educadora muito importante no Monte Serrat e foi presidente da embaixada Copa Lorde. Um livro acerca da escola de samba a homenageou.

jaqueta

Jaqueta era outro pai de santo referência para a comunidade. Jaqueta foi pai [na umbanda] dos conhecidos Dijo e do Dado.

s. geraldino

é lembrado como o caseiro que vivia no terreno da caixa d'água - atual praça do Monte Serrat. Dona Uda comenta sua lembrança em relação a ele: "buscar água na caixa... tinha horário fixo p pegar água na casa do Sr. Geraldino, tinha filas e filas, [...]"

d. maria pretinha

Dona Maria Pretinha foi uma parteira da comunidade, citada por Dona Palmira em entrevista a Cauane G. A. Maia (2020) como responsável pelo parto dos seus quinze filhos.

lagartixa

é lembrado como Rei Momo - rei do carnaval. Segundo relato de Dona Tota, o Pelé apertou sua mão em uma das festas de carnaval da Copa Lorde: "daqui a pouco o Pelé foi ali apertar a mão do Lagartixa do carnaval né, o rei do carnaval né, o Rei Momo."

joão da costa

João Sebastião da Costa é o pai de Dona Uda. João foi proprietário da primeira venda da comunidade. A segunda, segundo dona Uda, foi de Pedro Kinsesky.

mitinho

Mitinho é pai de santo de um dos terreiros atuantes hoje no pastinho. Filho de Dona Tota, contribuiu na entrevista em conjunto com a mãe, informando-nos sobre a história dos terreiros na comunidade.

seu teco

foi alguém de relevância na luta da comunidade do Monte Serrat. Segundo dona Tota: "era o teco que ia na prefeitura, o diretor [...]". Sua mãe era alfabetizadora e a primeira escola da comunidade, segundo Dona Uda, foi na sua casa. Seu Teco foi uma vítima da Covid-19 e um mural em sua homenagem foi pintado pelo artista Bruno Barbi nos muros que contornam o terreno da caixa d'água.

armando gonzaga

marido da Dona Uda, construiu a escola da embaixada Copa Lorde. Entra na organização da escola após a morte do presidente da Copa Lorde, em 63, segundo Dona Uda. Os ensaios da Copa Lorde, antes da construção do clube, aconteciam no bar do Seu Segundo.

nego quirido

foi um dos fundadores da Copa Lorde. Ele morava na Rua Nestor Passos, próximo a rua da caixa. Nego Quirido trabalhava em casas particulares.

pedro kinsesky

Segundo dona Uda, foi o primeiro presidente do centro comunitário: "Senhoras do pastinho tiveram grande contribuição na horta, vendiam ali onde era o Cine, era uma rua que eles faziam feira, e nos domingos quando tinha missa, faziam na frente da igreja. Dali formou-se o centro comunitário, primeiro presidente foi seu Pedro Kinsesky. Cassimiro Kinsesky que doou o terreno da Igreja." Pedro Kinsesky teve também uma das primeiras mercearias locais.

seu gentil

Seu Gentil do Ocorongo era um dos únicos divulgadores e popularizadores do Orocongo. Instrumento musical de origem africana. Gravou um disco pela coleção nacional "Cantando e Contando Histórias" que inclui canções populares e de sua autoria. Com frequência caminhava pela área do Mercado Público, onde vendia e divulgava sua arte.

d. mariazinha

Dona Mariazinha é citada por Dona Uda como uma pessoa lembrada e querida pela Copa Lorde. Esteve nos eventos realizados pela escola e costumava trazer comidas aos que estavam trabalhando no clube.

pe. wilson groh

Padre que atua no Monte Serrat na luta pela justiça social desde a década de 80.

pe. agostinho

Padre Agostinho participou da construção do primeiro centro comunitário. O padre realizava um trabalho semelhante ao do Padre Wilson hoje, fomentando a organização comunitária.

avez-vouz

Abelardo Henrique Blumenberg foi um dos fundadores da Copa Lorde com Jorginho e Juventino João dos Santos Machado, o Neco Quirido.

territórios

ter.ri.tó.ri.o

1. espaço delimitado por relações de apropriação, reconhecimento e poder; área delimitada sob posse de algo ou alguém. 2. território cultural: produto de apropriação feito através do imaginário e/ou identidade social sobre o espaço;

"Nós não tinha água, não tinha luz, não tinha nada, só (tínhamos) o pé de lama"

"Tinha poço pra pegar água e fonte pra lavar roupa"

"Tinha bastante poço aqui no morro, ao total tinha 82 poços [...] O maior poço que tinha era o de 16m"

LEGENDA

- | | | | | | |
|-----------------------|---------------------------|---------------------|--------------------|-----------------------|--|
| — Trajetos principais | ■ Cobertura Vegetal | 🚏 Ponto de ônibus | 🎓 1 Escola Marista | 🏠 Casa Histórica | 🚰 Base BOPE |
| — Trajetos internos | 🌳 1 Parque MMC | 🚗 Antiga Rodoviária | 🎓 2 IVG | 🏠 Casa de Acolhimento | 🏰 Igreja Nossa Senhora do Monte Serrat |
| — Escadaria | 🌳 2 Praça Monte Serrat | 🗑️ Lixeira Coletiva | 🎓 3 EJA | 🏠 Asilo Irmão Joaquim | 🏰 Terreiro do Dijo |
| ● Curso d'água | 🌳 3 Largo Nova Descoberta | 🌱 Horta Comunitária | 🎓 4 Pré-vestibular | 🏠 Centro de Saúde | 🍷 1 Copa Lord |
| ■ Bambuzal | 🌳 Campinho Descoberta | 💧 Nascente | 🎓 5 Escola Técnica | 🛒 Supermercado | 🎓 2 Centro Cultural Escrava Anastácia |
| ■ Bananeira | 🌳 Ponte | 🌳 Reservatório | 🏠 CEI Monte Serrat | 🍷 Alcoólicos Anônimos | 📷 Mirantes |